



Langoni: um homem à frente do tempo

Claudio Conceição, do Rio de Janeiro

Em 1944, nascia em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, Carlos Geraldo Langoni, que viria a ser um dos principais expoentes do pensamento econômico do país. Iniciou seus estudos no Colégio Nova Friburgo, que foi um projeto pioneiro da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com bolsa paga pela prefeitura da cidade e pelo então presidente da FGV, Luis Simões Lopes. Foi seu primeiro vínculo com a instituição com sede no Rio de Janeiro, que iria se perpetuar ao longo de sua carreira.

Em 1966, formou-se pela Faculdade Nacional de Economia da

Praia Vermelha, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sendo aluno de Octávio Gouvêa de Bulhões, Julian Chacel e Isaac Kerstenetzky, entre outros. Um ano após se formar, ingressou no curso de programação e planejamento econômico no Centro de Treinamento para o Desenvolvimento Econômico e Social (Cendec), do Ministério do Planejamento, onde Affonso Celso Pastore era um dos professores. Foi o trampolim para ganhar uma bolsa de estudos e ir fazer doutorado na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos, sendo o primeiro

brasileiro a obter o doutorado em economia por aquela universidade, em 1970.

Sua tese de doutorado *The sources of Brazilian economic growth*, de 1970, publicada em livro em 1974 com o título *As causas do crescimento econômico do Brasil* despertou para uma reflexão, ainda que tênue, sobre a relação entre educação e crescimento econômico, amplificada em outro livro, *Distribuição de renda e desenvolvimento econômico do Brasil*.

Em artigo publicado no último dia 20 de junho no *O Estado de*

S. Paulo, seu ex-professor, Affonso Celso Pastore, relata que em sua tese de doutorado Langoni “estimou em 25% a taxa de retorno social dos investimentos em capital humano e em 12% a dos investimentos em capital fixo”. Ou seja: para crescer era preciso investir em capital humano. Apesar disso, essa semente não germinou pois o país atravessava um ciclo de industrialização, crescendo mais que os Estados Unidos e com renda *per capita* maior que a coreana.

Pastore, ex-presidente do Banco Central e sócio da A.C. Pastore & Associados, menciona que a segunda contribuição de Langoni, essa com muito maior impacto, “foi o livro *Distribuição da renda e desenvolvimento econômico do Brasil*, de 1973”, onde explica as causas da

concentração de renda no Brasil, que teria sido usada como “instrumento para acelerar o crescimento. Para elevar a demanda de bens de consumo, o governo teria aumentado a renda dos mais ricos, e para controlar a inflação teria reduzido os salários dos mais pobres. As evidências empíricas de Langoni deram provas claríssimas de que o aumento na concentração de renda derivou do distanciamento crescente entre os salários dos trabalhadores qualificados, cuja oferta era inelástica, e dos não qualificados, com oferta abundante e elástica”.


Quando retornou ao Brasil, Langoni foi trabalhar no Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (Fipe/USP), a convite de Pastore e Antonio Carlos

Rocca, onde criou o programa de pós-graduação e a revista de *Estudos Econômicos*. De lá, foi lecionar na Escola de Pós-Graduação em Economia (FGV EPGE), voltando às origens onde havia ingressado, em Friburgo, aos 9 anos. Na época, o diretor da escola era Mário Henrique Simonsen que, convidado para o Ministério da Fazenda, foi substituído por Langoni que, aos 29 anos, tornou-se diretor da EPGE de 1973 a 1979.

Em agosto daquele ano, assumiu a diretoria da Área Bancária do Banco Central a convite de Ernane Galvêas, criando o Sistema Especial de Liquidação e Custódia (Selic). Em janeiro de 1980, assumiu a presidência do Banco Central aos 35 anos, o mais jovem da história do BC.

Ao sair do Banco Central em setembro de 1983, criou o Centro de Economia Mundial (FGV CEM), o primeiro lugar de debates sobre a abertura da economia brasileira.

Flamenguista roxo, foi membro de vários conselhos de empresas, consultor e membro do Conselho Monetário Nacional (CMN) e do Conselho Nacional de Comércio Exterior (Concex). Também foi representante do Brasil como governador suplente no Fundo Monetário Internacional (FMI). Era um dos assessores que se reuniam, com frequência, com o ministro da Economia, Paulo Guedes, para auxiliar na formulação de políticas públicas para o país.

Carlos Geraldo Langoni faleceu dia 13 de junho, no Rio de Janeiro, depois de lutar por mais de 6 meses contra a Covid-19. 

Memória – Carlos Langoni

“Nasci em Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro, em uma típica família de classe média. Friburgo foi a primeira cidade brasileira a receber imigrantes não portugueses; seus fundadores eram suíços, do cantão de Fribourg, metade francês e metade alemão; daí Nova Friburgo.”¹

“Meu primeiro teste de sobrevivência política foi conviver com a FGV, uma instituição com figuras extremamente importantes e cada uma com sua própria área de influência.”¹

“Eu não gosto de medidas a conta-gotas porque aumentam a incerteza no mercado e têm efeito concreto muito modesto. A incerteza atrapalha as decisões de investimentos.”²

“A economia brasileira é um avião parado na cabeceira da pista, com o motor ligado, mas com o freio de mão puxado. Para o avião decolar, basta o Congresso Nacional seguir com o perfil reformista, como já está, ao tocar a nova etapa de reformas apresentada pelo governo.”³

*Trechos de entrevista do volume IX da coleção *História contada do Banco Central do Brasil*, dedicada a Carlos Langoni (<https://www.bcb.gov.br/historiacontada>).

**Declaração à agência de notícias do Grupo Folha, em 2011.

***Trecho de entrevista de Langoni a O Estado de S. Paulo, em 201.

A independência do Banco Central*

Carlos Geraldo Langoni

A explosão do risco Brasil e a enorme volatilidade dos mercados financeiros no ano passado são uma evidência concreta dos elevados custos econômicos associados à ausência de âncoras institucionais na economia brasileira. A exacerbação da incerteza refletia a preocupação quanto a eventuais discontinuidades no gerenciamento da política macroeconômica, especialmente no seu núcleo duro representado pelo compromisso com a estabilidade.

A ausência de um Banco Central independente foi fator crítico que explica o *overshooting* cambial e a percepção externa distorcida de um país à beira de uma moratória tanto de sua dívida externa como interna. É importante perceber que os custos desta instabilidade não ficam limitados aos mercados financeiros, mas acabam extravasando para o lado real da economia, através da penalização de juros reais excessivamente elevados e revisão de planos de investimentos. A consequência prática é a contração adicional do ritmo já modesto de expansão da atividade econômica.

A independência do BC foi a solução que as sociedades democráticas encontraram para conciliar estabilidade econômica com transição política. Constrói-se uma blindagem institucional que permite ao BC perseguir o objetivo da estabilidade,

protegido das inevitáveis pressões de diferentes grupos da sociedade que não querem arcar com os custos inevitáveis da política monetária. Esta proteção está assegurada pelo mandato com prazo predeterminado da diretoria que não é coincidente com as mudanças de governo.

O ideal é que o BC tenha autonomia para definir as metas de inflação, além, obviamente, de independência operacional para viabilizá-las. Este é o modelo do Bundesbank alemão que foi herdado com sucesso pelo Banco Central Europeu. Aliás, o BCE representa uma verdadeira revolução monetária: é um banco central independente multilateral, veículo fundamental para a viabilização do euro.

O Federal Reserve dos Estados Unidos construiu sólida reputação de combate sem tréguas à inflação. Não é coincidência de que o primeiro gesto do presidente Bush ao ser eleito foi convidar Alan Greenspan para permanecer à frente da instituição. Na América Latina o Chile é o exemplo mais bem-sucedido de um banco central independente, elemento decisivo para a excepcional *performance* de sua economia, conciliando crescimento sustentado e inflação baixa.

A opção do governo Lula parece ser a de defender autonomia apenas operacional para o Banco Central. O Ministério da Fazenda e outras

instâncias do governo é que irão definir as metas de inflação. É um passo na direção certa mas ainda tímido para um país que necessita exorcizar o fantasma da inflação crônica. É também uma solução apenas parcial para uma democracia nascente, onde cada eleição presidencial se transforma em plebiscito sobre a arquitetura macroeconômica.

O novo presidente do BC adotou uma alternativa criativa e inteligente que agradou aos mercados: enquanto espera a aprovação pelo Congresso da nova Lei de Responsabilidade Monetária, manteve a atual diretoria do BC, assegurando uma transição não traumática na gestão macro. Prevaleceu uma vez mais o jeitinho brasileiro: a autonomia do BC está sendo conquistada por ações práticas.

De qualquer forma, falta a sua formalização para que a administração da economia atinja nova dimensão qualitativa: o debate político estará centrado na alocação de recursos públicos e na natureza das reformas estruturais. Política monetária, juros, câmbio estarão sendo gerenciados com o objetivo de consolidar a estabilidade, abrindo o espaço para um novo estágio de crescimento sustentado. ■

*Coluna **Ponto de vista**, publicada em fevereiro de 2003 na *Conjuntura Econômica*.

Um economista de múltiplas dimensões

Carlos Ivan Simonsen Leal

Presidente da Fundação Getúlio Vargas

Carlos Geraldo Langoni começou sua vida na Fundação Getúlio Vargas (FGV) aos 9 anos, segundo me contaram. Veio trazido por sua mãe para prestar o curso de admissão no Colégio Nova Friburgo. Foi um aluno brilhante, tendo obtido uma bolsa de Simões Lopes Filho, então presidente da FGV, que abria mão de seu salário para ajudar jovens extremamente promissores. Mais tarde cursou economia na atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no *campus* da Praia Vermelha, onde se destacou como aluno brilhante. Muito jovem, foi o primeiro brasileiro a fazer doutorado na prestigiosa Universidade de Chicago, nos Estados Unidos.

Na sua volta ao Brasil, assumiu a posição de subdiretor técnico da Escola de Pós-graduação em Economia (FGV EPGE), então dirigida por Mário Henrique Simonsen. Com a ida de Simonsen para o Ministério da Fazenda, Langoni assumiu o cargo de diretor da EPGE, onde permaneceu até 1979, quando foi para o governo. A sua interação com a FGV foi praticamente ininterrupta durante 67 anos de sua vida.

Conheci o professor Langoni quando vim para a FGV como aluno. Apesar de muito jovem, já era famoso e admirado por seus contemporâneos. Tive, durante muitos

anos, o prazer e a honra de interagir com essa brilhante inteligência que por triste golpe do destino sucumbiu a essa terrível doença: a Covid-19.

Carlos Langoni foi um economista com múltiplas dimensões. Foi um acadêmico, tendo feito uma excepcional tese de doutorado. Foi um grande professor. Trabalhou na área pública, foi membro de vários conselhos de empresas, consultor e executivo.

Deixa um inestimável legado na linha de Eugênio Gudín, Otávio Gouveia de Bulhões, Mário Henrique Simonsen, João Paulo dos Reis Velloso, e uma legião de colegas, ex-alunos que, tenho certeza, estão todos entristecidos. ■

FGV EPGE: ministro Mário Henrique Simonsen e o professor Carlos Geraldo Langoni.

Rio de Janeiro, 1979



Foto: FGV

Um precursor das cartas de conjuntura

Luiz Guilherme Schymura

Diretor do FGV IBRE

Fui aluno do Langoni em 1985, cerca de 2 anos depois que ele saiu do governo e voltou à Fundação Getúlio Vargas. Era uma pessoa extremamente entusiasmada com o que fazia. Estava estudando o que acontecia nos países asiáticos e os efeitos disso sobre a economia, o que, de certa forma, ia ao encontro de seus trabalhos sobre a importância do capital humano no desenvolvimento de uma nação.

Langoni, com uma excepcional formação acadêmica, passou pelo


Banco Central, primeiro como diretor depois como presidente por cerca de 3 anos, o que lhe deu uma experiência única da interação entre a política e a economia.

Depois teve um ótimo desempenho no setor privado, onde foi precursor na produção de cartas de conjuntura, completando uma formação única de conhecimento do setor público, acadêmico e privado.

Toda essa experiência acumulada o aproximou de muitas empresas,

abrindo espaço para a sua participação em inúmeros conselhos de administração no setor privado.

Além de ser reconhecido pelos seus pares na academia pelos seus trabalhos na década de 70 sobre educação e capital humano, era muito ouvido, tanto no setor público como no privado, transmitindo seu conhecimento sempre por onde passava.

É uma grande perda para o pensamento econômico e para o país. 

Guerreiro da liberdade

Roberto Castello Branco

Membro do Conselho de Administração da Vale e ex-presidente da Petrobras

Após provocar efeitos devastadores sobre a economia e a saúde pública, a Covid começou a dar sinais de enfraquecimento no Brasil no terceiro trimestre de 2020, com declínio no número de casos e óbitos e o começo da recuperação do choque recessivo. Ao mesmo tempo em que produzia notícias tranquilizadoras, o ciclo de baixa contribuía para mudar a percepção de risco das pessoas, que passaram a retomar interações e, con-

sequentemente, a se expor mais aos riscos de infecção.

A mudança comportamental produziu as raízes de um novo ciclo de alta, mais violento do que o primeiro. Repetia-se a experiência da gripe espanhola, que teve uma segunda onda ainda mais letal do que a primeira, como constatarem R. J. Barro e outros.¹

Foi nesse início do novo ciclo da pandemia que Langoni adoeceu e se internou no dia 8 de dezembro de

2020. Três dias depois, movido pela esperança, lhe enviei mensagem por WhatsApp desejando que “em breve possa estar fazendo uma bela palestra com o entusiasmo e o brilhantismo que sempre o caracterizaram”.

Logo percebi que estava profundamente enganado, iniciava-se uma longa e feroz batalha de 7 meses, que acompanhei junto com Edy Kogut e José Júlio Senna, velhos amigos da EPGE, todos nós angustiados. Diante

do poder destruidor da Covid, a luta se manteve por tanto tempo devido aos avanços do conhecimento médico e ao espírito guerreiro de Langoni, traço que o acompanhou desde cedo e o levou a ser um vencedor na vida.

Perdemos prematuramente, pois ainda com grande vigor físico e intelectual, era um grande brasileiro, homem provido de significativo espírito público, sempre pronto a orientar e incentivar os jovens e contribuir para a solução de problemas econômicos.

Carlos Langoni foi um dos grandes economistas de nossos tempos, um autêntico economista de Chicago, defensor de ideias pró mercado e pró liberdade de escolha, sempre apoiado em sólidos fundamentos teóricos e evidência empírica. Professor rigoroso, desafiava e inspirava seus alunos, contagiando-os com seu entusiasmo e otimismo.

Conheci Langoni há 48 anos, quando ingressei na EPGE como aluno de mestrado. Fui seu aluno, colega e parceiro em trabalhos e discussões sobre política econômica. Iluminou e inspirou minha formação de economista, me incentivando a paixão pela ciência econômica. Acredito no que uma vez ouvi de Robert De Niro, “a paixão pela profissão é algo que nunca se esgota”, o que evidencia o grau de importância que Langoni teve para mim.

A EPGE era então uma escola muito jovem, criada há pouco mais de 10 anos, tempo muito curto para uma instituição acadêmica. Ao ser promovido à sua direção, em substituição ao professor Simonsen que assumira o Ministério da Fazenda em março de 1974, Langoni imple-

mentou rapidamente uma verdadeira agenda transformacional.

O foco na pesquisa, o intercâmbio com professores de universidades americanas, entre eles os do Departamento de Economia da Universidade de Chicago, numa época em que este liderava uma verdadeira revolução na ciência econômica, o lançamento do primeiro programa de doutorado em economia do Brasil e a criação de uma verdadeira escola de pensamento econômico, protagonista de destaque nos debates sobre a economia brasileira, foram algumas de suas contribuições que enriqueceram a EPGE, a Fundação, a educação e a pesquisa econômica no Brasil.

Langoni é autor de dois trabalhos seminais, *As causas do crescimento econômico do Brasil*² e *Distribuição de renda e desenvolvimento econômico do Brasil*.

Sempre com rigor metodológico e emprego do estado da arte da econometria da época, ampliava a compreensão do desenvolvimento econômico entre os economistas brasileiros, com a revelação das contribuições da educação e dos ganhos de eficiência alocativa. Foi um salto enorme relativamente à explicação do modelo de Solow, dominante nos anos 70, restrita ao investimento em capital físico, o crescimento quantitativo da força de trabalho e a um resíduo não explicado, que seu autor atribuía ao progresso tecnológico.

As taxas de retorno social em educação estimadas por Langoni eram consideravelmente mais elevadas do que as do investimento em capital físico e o retorno social do investi-

mento nas fases iniciais da escala educacional eram mais elevadas do que nas mais avançadas. Resultados importantes que subsidiavam uma agenda de desenvolvimento econômico, que infelizmente nossas políticas públicas, contaminadas pelo populismo, não priorizaram.

Trabalhadores mais educados não se limitam a saber executar tarefas mais complexas, mas possuem a capacidade de lidar com novas tecnologias e a perceber e a agir para corrigir os desequilíbrios de mercado, essência do processo de desenvolvimento econômico.

Assim, investimento em capital humano, inovação e aumento da produtividade estão intimamente associados ao crescimento e desenvolvimento econômico.

Passadas cinco décadas, os papéis da educação e da alocação de recursos – e consequentemente da produtividade – se encontram no centro da moderna teoria do crescimento e desenvolvimento econômico, apoiada por vasta evidência empírica.

A teoria do capital humano desenvolvida por T. W. Schultz, Gary Becker e Jacob Mincer nasceu nos anos 60, até então era considerada politicamente incorreta a mera referência à expressão capital humano.

Langoni foi pioneiro no Brasil ao aplicá-la no seu trabalho sobre distribuição de renda e desenvolvimento econômico, tendo sido o grande vencedor no debate contra economistas do Ipea que, apoiados em nada mais do que uma retórica politicamente atraente, apontavam como causas do aumento da desigualdade políti-

cas do governo militar supostamente destinadas a promover concentração de renda.

A educação possui impacto poderoso sobre os salários e um processo de rápido crescimento gera desigualdade de renda na medida em que concorre para formar desequilíbrios entre demanda e oferta de trabalho, beneficiando mais do que proporcionalmente os trabalhadores mais educados, cuja oferta é mais inelástica. A ampliação do aumento da desigualdade de renda no Brasil entre os anos 60 e 70 foi explicada em grande parte pela diferença de níveis de educação entre trabalhadores num ambiente de crescimento acelerado.

No campo acadêmico, Langoni inspirou uma geração de jovens economistas, que produziram diversas teses de mestrado e dissertações de doutorado por ele orientadas. Tive o privilégio de ser um deles e de me tornar o primeiro doutor em economia formado pela EPGE e no Brasil, o primeiro numa série de cerca de 150 doutores da melhor escola de economia do Brasil, que agora completa 60 anos.

Langoni me abriu as portas da Universidade de Chicago, oportunidade fantástica para aprofundar e consolidar os conhecimentos até então adquiridos e poder me relacionar diretamente com quem estava movendo a fronteira da ciência, como os professores Gary Becker, T. W. Schultz, Robert Lucas Jr., George Stigler e Eugene Fama, e estrelas da economia aplicada como “Alito” Harberger e Larry Sjaastad.

Ao voltar de Chicago fui ser professor da EPGE e, alguns anos de-

pois, Langoni, já presidente do Banco Central do Brasil, me indicou para dirigir o IBMEC, instituição em sérias dificuldades financeiras e sem rumo, dominada por sociólogos e historiadores. Confrontado com o papel de gestor, completamente inédito, me vi obrigado a realizar um *turnaround* pois a alternativa era o fechamento da instituição. Foi uma experiência de sucesso e muito valiosa, pois me ensinou que a teoria econômica não era algo restrito à academia e à formulação de política pública, era também um instrumento poderoso para a gestão de empresas.

Passados muitos anos voltamos a nos encontrar em 2019 quando assumi a presidência da Petrobras. Entusiasmado com meu discurso de posse, em que fiz um manifesto contra o monopólio, afirmando que detestava a solidão dos mercados, Langoni, assessor informal de Paulo Guedes, ministro da Economia, e o *Godfather* dos Chicago *Oldies*, me teve como parceiro para abrir para a competição o mercado de gás natural, totalmente dominado pela Petrobras.

Na fase pré-Covid de vez em quando nos reuníamos nas sextas-feiras com Guedes, no antigo Palácio da Fazenda no Rio, para discutir os planos. Enquanto eu desenvolvia iniciativas infralegais, como a privatização dos ativos de transporte e distribuição do gás, Langoni trabalhava na formulação de um novo marco legal, o que vinha sendo perseguido sem sucesso há mais de 4 anos.

Graças à sua competência e perseverança, em 2021 foi sancionada

pelo presidente da República a Lei nº 14.134, a nova Lei do Gás. Nasceu um novo mercado, na última das inúmeras vitórias de Langoni.

Estamos tristes, perdemos Langoni, uma pessoa muito especial, uma das quase 4 milhões de vítimas fatais dessa aterradora pandemia, mas não devemos perder a esperança e o otimismo, marcas que ele deixou entre seus companheiros.

A Covid-19 pode ser para o mundo o que foi Pearl Harbor para os americanos. Em 1941 cerca de 75% da artilharia americana era movida por cavalos, quatro anos depois a América havia se transformado na primeira potência atômica da história, num gigantesco avanço tecnológico.

Eventos tão marcantes como a pandemia têm o poder de acelerar inovações tecnológicas e estimular significativas mudanças comportamentais. Assim, acredito que em 10 anos teremos uma sociedade mais rica e saudável, profundamente mais digital e vivendo num mundo mais virtual e *data centric*. A pandemia de 2020/2021 poderá ser lembrada como um ponto de inflexão na história.

Tenho confiança de que nosso guerreiro não pensaria diferente. Ele sempre acreditou que podemos construir um mundo melhor. Não vamos desistir!

¹The coronavirus and the great influenza pandemic: Lessons from the “Spanish flu” for the coronavirus’s potential effects on mortality and economic activity”, March 2020, WEP, NBER.

²Tradução de sua dissertação, *The sources of Brazilian economic growth*, para obtenção do título de PhD, o primeiro de um economista brasileiro na Universidade de Chicago.

A morte do nosso Fittipaldi

Rubem Novaes

Doutor em Economia pela Universidade de Chicago e ex-presidente do Banco do Brasil

Faleceu, após longo período hospitalizado, o nosso Fittipaldi. Assim o Langoni era chamado por mim por ter sido o pioneiro na busca de um doutorado na Universidade de Chicago, pavimentando o caminho seguido depois por tantos Chicago boys, hoje Chicago *oldies*.

Nesta analogia com nossos grandes campeões do automobilismo, eu associava o nome do Cláudio Haddad ao do Nelson Piquet e o nome do ministro Guedes ao do Ayrton Senna. Perguntado pelo Langoni onde eu ficava na história, respondi, para sua risada gostosa, que eu seria o Rubinho Barrichello.

Tive, no passado recente, um contato permanente com o Langoni. Antes da aceleração da pandemia, o ministro Guedes cumpria sua agenda das sextas-feiras no Rio, quando se encontrava com o Langoni com frequência. Mesmo sem uma participação formal no governo, o ministro não dispensava seu aconselhamento nas questões mais relevantes. E eu pegava carona em algumas dessas discussões onde o interesse público prevalecia sempre. Langoni nunca deixou de emprestar sua competência e experiência aos membros da equipe econômica e, sem dúvida, deixou sua marca na regulação do gás.

Os estudos que o Langoni fez sobre capital humano, desenvolvimento econômico e distribuição de renda são clássicos da literatura especializada. Sua dedicação à EPGE (da FGV) deu à escola um padrão de qualidade internacional. Sob sua presidência, o Banco Central talvez tenha passado pelos momentos mais difíceis da história. Esgotadas nos-

sas reservas externas, o país teve que se defrontar com os credores para uma longa e dolorosa renegociação da dívida externa. Aqui, também, a competência e a dedicação do Langoni se mostraram presentes.

Em suma perdemos um grande brasileiro e eu perco um amigo. Que descanse em paz quem soube fazer a diferença!



Universidade de Chicago – EUA

Um formador de doutores em economia

José Júlio Senna

Chefe do Centro de Estudos Monetários do FGV IBRE

Foi em uma sala de aula que conheci Carlos Langoni. Ele como professor, eu como aluno. O ano era o de 1970 e ele dava aula de desenvolvimento econômico num centro de treinamento em economia, chamado Cendec, vinculado ao Ipea. Dirigido pelo saudoso Og Leme, o curso do Cendec funcionou no Rio de Janeiro por cerca de 5 anos, tendo servido de credencial para a obtenção de bolsas no exterior. Não foram poucos os que disto se beneficiaram, a começar pelo próprio Langoni, que concluiu o curso em 1966.

As aulas ministradas por Langoni não poderiam estar mais em cima do que havia de novo em matéria de teoria econômica. Acabara de chegar de Chicago, onde completara o doutorado. Entusiasmava os alunos com sua enorme capacidade didática e com seu enfoque moderno de crescimento econômico.

Ao término do curso, tornamos mais próximos, pois fui trabalhar como assistente de pesquisa num projeto, desenvolvido no IBRE, pelo qual ele era um dos responsáveis. Em razão disso, testemunhei de perto o interesse despertado pela bagagem intelectual que Lan-


goni trouxera de Chicago. Em artigos, palestras, aulas e entrevistas, ele discorria sobre o tema central de sua dissertação de doutoramento. Traduzida para o português, a dissertação viraria um livro, sob o título *As causas do crescimento econômico do Brasil*.

Nesse trabalho reside uma de suas mais significativas contribuições ao estudo da economia em nosso país. Direcionar eficientemente os recursos seria indispensável para qualquer economia que desejasse crescer. Tendo observado que o retorno de investimentos em capital humano era praticamente o dobro do retorno a investimentos em capital físico, Langoni falava da necessidade de dar prioridade a investimentos no homem, e não em máquinas.

Em sua outra grande contribuição como pesquisador, *Distribuição da renda e desenvolvimento econômico do Brasil*, a importância da educação seria novamente destacada, agora como elemento central na explicação da piora da distribuição de renda. Langoni defendeu a ideia de que essa piora derivava da dinâmica do processo de crescimento econômico, que produzira aumen-

tos salariais mais expressivos para os trabalhadores mais qualificados, justamente os mais escassos. Fosse mais abundante o estoque de capital humano, os resultados seriam outros. Investir em educação seria o caminho para crescer e para uma renda mais bem distribuída.

Langoni deixa também outra grande marca: a de educador, de formador de economistas. Ao assumir a direção da Escola de Pós-graduação em Economia (EPGE), em março de 1974, ocupando o cargo que Mário Henrique Simonsen deixara para comandar o Ministério da Fazenda, deu continuidade ao plano de ambos, de formar doutores em economia. Com esse objetivo, montou o time de professores que o ajudou a conduzir os primeiros anos desse tão bem-sucedido programa. Tenho orgulho de ter feito parte desse time. Ainda hoje ouço depoimentos de muitos que cursaram a EPGE naquela época, testemunhas da enorme dedicação de Langoni aos objetivos da escola.

Sou imensamente grato a Langoni, por tudo que com ele aprendi e pela influência positiva que teve sobre os primeiros passos de minha vida profissional. 

A relevância do capital humano


Aloisio Araujo

Professor da FGV EPGE e pesquisador emérito do Impa

Conheci Langoni na antiga Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Praia Vermelha. Ele era um ano mais velho e me deixou uma forte impressão já naquela época, sempre muito objetivo, com ideias claras e expeditas. Não o conheci em Chicago, quando dei aulas, pois ele já havia retornado ao Brasil.

A contribuição de Langoni para o país foi enorme. Sua tese de doutorado sobre a importância do capital humano no crescimento de uma nação surgiu num período em que os economistas, de uma forma ge-

ral, não se preocupavam muito com essa questão. O Brasil estava muito atrasado na questão educacional, havia pouco investimento na área, e o trabalho de Langoni, embasado em dados e evidências empíricas, colocou o problema em discussão, lançando uma semente que, hoje, se discute e faz parte das análises de qualquer economista.

O trabalho de Langoni é uma referência para todos que estudam a questão do capital humano na prosperidade de um país. Seu falecimento é uma grande perda para o pensamento econômico. 



Na Casa Branca, com o então vice-presidente dos Estados Unidos, George H.W. Bush. Washington, D.C., 1983



Carlos Langoni em evento de comemoração dos 20 anos do BC. Brasília, 1985

Fotos: Livro *História contada do Banco Central do Brasil*, Carlos Langoni